

Dinâmica territorial no Oeste Catarinense: análise com o uso de técnicas de geoprocessamento

Prof. Dr. Rógis Juarez Bernardy ¹
Prof. M.Sc. Jeancarlo Zuanazzi ²
Prof. M.Sc. Ricardo Rodrigues Monteiro ³

CPCSA
Grupo de Pesquisas Ciências Sociais e Aplicadas
Faculdade Exponencial – Chapecó/SC
¹ rjbernardy@yahoo.com.br
² jz@proradio.com.br
³ ricardoarqui@yahoo.com.br

Resumo: A integração do Oeste Catarinense à produção capitalista foi proporcionada pela inserção da ferrovia e da “mobilidade” de contingentes populacionais que organizaram as atividades econômicas principalmente na agricultura. Estas atividades estruturaram-se a partir da organização agrofamiliar integrada à produção agroindustrial - cenário que promoveu a desvitalização do contexto rural. Esta conjuntura tem provocado a formação de novas territorialidades, que ainda privilegiam o espaço urbano em detrimento do rural, e podem ser classificadas em: *espaço centralizado consolidado, pólo regional em formação, micro-centralidade e espaços satelitais*. Este trabalho objetiva analisar os efeitos decorrentes da desvitalização do espaço rural no Oeste Catarinense. A análise da pesquisa fundamenta-se em dados do IBGE, SNIU, EPAGRI/CIRAM e dos municípios. Os resultados demonstram, com o auxílio do SIG - Sistema de Informações Geográficas, que o espaço territorial tem sofrido um processo de retração populacional, de minimização da renda, da formação de vazios demográficos e da diminuição da vitalidade dos pequenos centros urbanos.

Palavras-chave: território; geoprocessamento; dinâmica populacional.

Abstract: The integration of the West of Santa Catarina State to the capitalist production was caused by the insertion of the railroad and the mobility of population contingents that organized the economics principally agriculture's activities. These activities were structured with the organizations agro familiar integrated with the agro industrial production. This scenery promoted the no vitality of the rural context. This conjecture has incited the formation of the new territorialities that privilege the urban space with detriment of the rural space. These new territorialities can be classified in: *consolidated centralized space; regional pole in formation; micro centralities and satellites spaces*. The objective is to analyze the effects of the no vitality of rural space of West of Santa Catarina State. The analysis of this research substantiate in data of IBGE, SNIU, EPAGRI/CIRAM and of the borough of this region. The results with relief of the *geographical information system* show up that the territorial space has suffered a process of population retraction, of minimizing of income, of formation of the demographics empties and decrease of the vitalities of small urban centers.

Key- words: Territory; geoprocessing; dynamics of population.

1 Introdução

Entre as principais variáveis que são consideradas para determinação das características espaciais que orientam o desenvolvimento, tanto locais quanto regionais, está a dinâmica populacional, especialmente pelas possibilidades que esta representa em processos endógenos de motivação de distintas formas de desenvolvimento territorial.

Neste contexto, insere-se a dinâmica populacional regional no Oeste Catarinense a partir das características apresentadas pela Associação de Municípios do Oeste de Santa Catarina – AMOSC, no período de 1970 a 2000. Embora tenha apresentado “recortes territoriais” – emancipações e perda de área para outras Associações - o qual dificulta a análise integrada do fenômeno -, a dinâmica populacional apresentou certas especificidades, condizentes com ambiente que apresenta contradições no contexto regional.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo a análise da dinâmica populacional, através de técnicas de geoprocessamento, especialmente a partir do contexto dos municípios da Associação dos Municípios do Oeste Catarinense – AMOSC – no período de 1970 a 2000. Foram gerados mapas temáticos que permitiram a análise e a compreensão das dinâmicas territoriais e permitiram traçar cenários para a região.

Nos resultados evidenciaram-se as principais características populacionais na AMOSC, em diferentes temporalidades, determinadas pela concentração, estabilização e processos de desvitalização. Parcialmente esta configuração foi cristalizada a partir de cenários entre os quais a centralização econômica e fragmentação territorial, aliado a demais fatores conjunturais locais, regionais e nacionais.

2 Fundamentação teórica

Este artigo tem como enfoque a análise da dinâmica territorial especialmente a partir do contexto social, enfocando a mobilidade territorial das taxas de crescimento de 1970 a 2000 da população total por município da Associação dos Municípios do Oeste Catarinense através do uso de técnicas de geoprocessamento. Nestes gerou-se mapas temáticos que permitiram a compreensão das dinâmicas territoriais e inclusive possibilitaram traçar cenários para a AMOSC.

Neste enfoque, determinadas por transformações globais do final do século XX, no qual representou a essência da chamada “nova ordem mundial”, os espaços regionais passaram a serem considerados privilegiados pelas políticas de planejamento, uma vez que apresentavam condições otimizadas quanto à eficiência da aplicabilidade de recursos externos, especialmente quando motivados para reversão dos cenários de instabilidade social. Essa configuração determinou uma reversão nas políticas de planejamento, centralizadas e difundidas, que desconsideravam as heterogeneidades e especificidades do espaço geográfico.

O reconhecimento das “diferenças espaciais” e/ou “desigualdades regionais” fez com que novos comportamentos fossem incorporados na forma da “gestão territorial”, embora as dificuldades das séries estatísticas, bases da planificação, especialmente pelo aumento da velocidade das transformações, inclusive em espaços periféricos, dificultassem o entendimento na totalidade dos fenômenos espaciais.

Na busca da compreensão das diferenças espaciais, especialmente no contexto social, mesmo com a inversão parcial das políticas de planejamento, as quais proporcionaram maior inserção territorial no âmbito nacional e, analogamente à Becker & Wittman (2003), busca-se as seguintes compreensões: “(i) por que processos regionais de desenvolvimento não são iguais dinamicamente e diferenciam-se entre si? (ii) por que é possível verificar diferentes dinâmicas territoriais de desenvolvimento”, inclusive em espaços contíguos?

Esta diversidade espacial é a própria representatividade da dependência dos distintos lugares que são complementares entre si e que constituem-se a partir desta não-similaridade. Desta forma, na visão de Santos (1986), “o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações – sociais - realizadas através das funções e formas que apresentam-se como testemunhas de uma história escrita por processos do passado e do presente [...]”. Desta forma, a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares.

Particularmente, admite-se a diversidade e a heterogeneidade na caracterização espacial entre os constituintes da AMOSC, no entanto a “amálgama” entre os municípios cristaliza-se pela conjuntura cultural, pela proximidade geográfica e especialmente pela “hierarquia” econômica. Para Simões (2005), “[...] os vínculos sejam rígidos ou elásticos, possuem a característica fundamental que é a existência de uma relação de *dependência* - os vínculos são mais do que casuais, são estruturais. E a relação de dependência é uma categoria espaço-temporal [...]”. Percebe-se que a identidade regional criada a partir da continuidade geográfica possui relações de dependências que manifestam-se igualmente no tempo.

Embora considera-se uma relação de continuidade e dependência nos municípios da AMOSC em relação a centralidades externas - como àqueles que possuem maior complementaridade econômica -, segundo Santos & Silveira (2001), independente de sua dinamicidade o “uso do território é marcado pela fluidez e pela flexidez de objetos maciços [...] micro objetos [...] cujas localizações são precisas e adequadas aos interesses de certos agentes e regiões. A expansão do meio técnico-científico-informacional é *seletiva* [...] (grifo nosso)”.

Quanto à dinâmica populacional da AMOSC e a perspectiva da maior concentração na centralidade superior, analogamente a Santos (2004) baseado em Boisier no qual chamou de “dimensão espacial do problema distributivo”, ressalta que existe a necessidade de cristalizar formas para reversão dos atuais indicadores sociais que contribuem para a concentração e a dispersão populacional em ambientes periféricos.

Na análise das especificidades regionais da AMOSC, embora considera-se importante a estrutura da funcionalidade entre os diferentes ambientes, normalmente comandadas pela cidade de maior porte, destaca-se o que Reis (2002) denomina de *poliformismo estrutural*. Neste existem iniciativas e autonomias com relevância própria, inclusive aplicada aos municípios localizados na base desprivilegiada de concentração populacional e econômica, especialmente em ambiente urbano.

Neste contexto, emergem as discussões sobre o território, uma vez que na visão de Reis (2002), caracteriza-se como um “detentor de um papel e um significado próprio, não apenas complementar e muito menos derivado de determinações com as quais estabeleça uma relação – apenas – hierárquica dependente ou sucessiva”. Em conformidade com Reis (2002), quando abordou as relações espaciais no território, Santos (2003), retratou a “*seletividade espacial*” em ambientes periféricos a partir de variáveis tanto econômicas quanto sociais.

Analogamente às centralidades regionais – como aquelas manifestadas na AMOSC – o autor destacou dois subsistemas polarizados pelo ambiente urbano: circuito superior e inferior. No primeiro circuito, existe presença de indicadores sociais equitativos e, conseqüentemente, especialização da mão-de-obra, enquanto na segunda é determinada em regiões com déficit sociais – espaços desvitalizados. Socialmente, no âmbito regional, existe a continuidade espacial destas ambiências.

Visando relacionar as variáveis no âmbito da dinâmica da população da AMOSC, utilizaram-se as técnicas de geoprocessamento, no qual as informações foram representadas – espacializadas -através de mapas temáticos, com uso de Sistema de Informações Geográficas, importante ferramenta para o armazenamento, a edição e a representação de dados geográficos.

2.1 Contextualização histórica da AMOSC

Embora tenha sido a terceira Associação de Municípios do Estado de Santa Catarina – que contabiliza vinte e uma Associações, em 2006 -, com formação inicial que abrangia 34 municípios do Oeste Catarinense, a AMOSC sofreu ao longo do seu percurso histórico um processo de fragmentação territorial, tanto pela formação de novos municípios – interna - quanto pela criação de duas novas Associações – externas: a Associação dos municípios do Entre Rios - AMERIOS – com sede em Maravilha e a Associação dos municípios do Nordeste Catarinense – AMNOROESTE – com sede em São Lourenço do Oeste, em 1996.

Atualmente, a AMOSC congrega os municípios de Águas de Chapecó, Águas Frias, Caxambu do Sul, Chapecó, Cordilheira Alta, Coronel Freitas, Formosa do Sul, Guatambu, Irati, Jardinópolis, Nova Erechim, Nova Itaberaba, Pinhalzinho, Planalto Alegre, Quilombo, São Carlos, Santiago do Sul, Serra Alta, Sul Brasil e União do Oeste. Conjuntamente, estes municípios abrangem uma área territorial de 2.955 km² conforme Mapa 01 (AMOSC, 2006).

1 Expressão utilizada por Milton Santos para definir a relação de dependência em diferentes intensidades entre os distintos lugares.

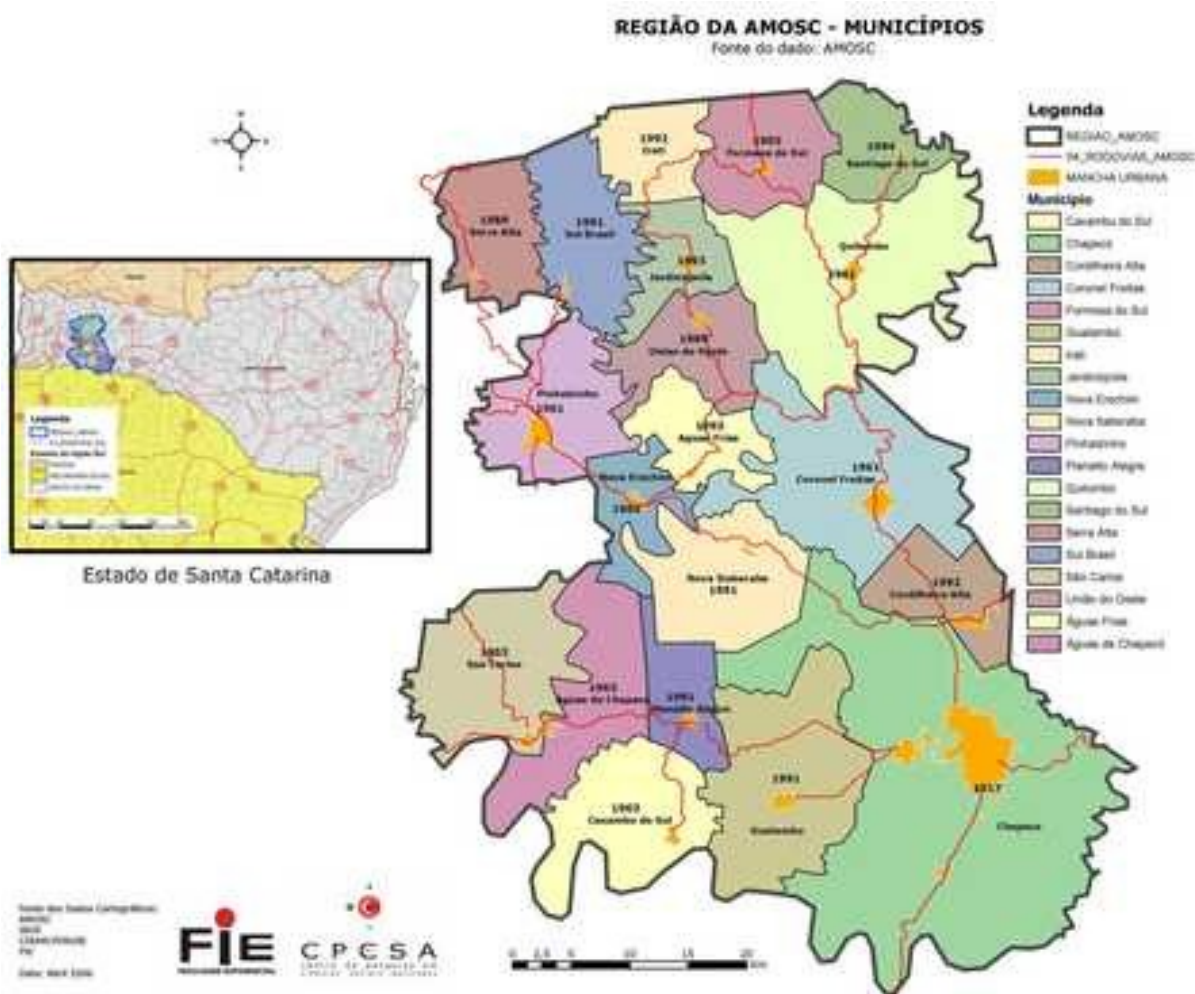


Figura 1 : Região da AMOSC – Municípios

A base da formação territorial dos municípios da AMOSC provém da área original de Chapecó, que teve o processo de emancipação em 1917. O primeiro desmembramento de município, que viria posteriormente compor a AMOSC, ocorreu em 1953 - trinta e seis anos após a autonomia política de Chapecó -, com a criação de São Carlos. Na década de 60, houve expressiva fragmentação territorial de municípios como: Coronel Freitas, Quilombo e Pinhalzinho, em 1961, Águas de Chapecó e Caxambu do Sul em 1963 e Nova Erechim em 1964.

Após efetivação da Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina, em 1967, houve uma estabilidade no processo de fragmentação territorial, que permaneceu até 1989, ou seja, vinte e dois anos após, quando ocorreram as emancipações de Serra Alta e União do Oeste. Na década de 90, houveram 50% das emancipações da AMOSC, sendo Guatambu, Nova Itaberaba, Planalto Alegre e Sul Brasil em 1991, Cordilheira Alta e Irati em 1992, Águas Frias, Formosa do Sul e Jardinópolis em 1993 e Santiago do Sul em 1994. Esta constitui-se como a última fragmentação interna desta Associação de Municípios.

2.2 Proposições de tipologias da funcionalidade da AMOSC

A partir das bases da distribuição da população existe uma hierarquia urbana e regional dos vinte municípios que fazem parte da AMOSC, na atualidade, e infere-se que estejam distribuídas a partir das seguintes tipologias nos espaços territoriais:

i) *centralidade consolidada*: apresenta crescimento populacional acima da média regional, determinado pelo crescimento vegetativo e pela expressiva mobilidade regional, advindas inclusive de outros Estados, e pela diversificação econômica, especialmente nos setores da indústria e serviços.

ii) *pólo regional em formação*: restrito a municípios que concentram-se em corredores rodoviários inter-

estaduais e mantêm certa dinamicidade quanto ao crescimento populacional e em relação a determinadas atividades industriais;

iii) *micro-centralidades*: constituído por municípios que possuem estabilidade populacional com tendência a retração, certa dinâmica produtiva especialmente em atividades industriais específicas, no entanto, permanecem com dependência das atividades da agropecuária;

iv) *espaços satelitais*: apresentam cenários de desvitalização populacional com ínfima dinâmica local, tanto rural quanto urbana, e estão distribuídos em área periférica – não geográfica - da AMOSC e possuem a base da economia centrada em atividades do setor primário.

Nesta perspectiva, o espaço regional pode ser evidenciado pela dinâmica populacional e as respectivas particularidades que estruturam-se a partir da inter-relação e/ou trocas entre os municípios. O resultado não é a diluição de um dos pólos do *continuum*, mas a configuração de uma rede de relações recíprocas em múltiplos planos, sob diversos aspectos, inclusive da dinâmica populacional, que ao mesmo tempo em que homogeneiza, reitera as suas particularidades.

3 Método

Para a cristalização das análises das variáveis da dinâmica demográfica no espaço territorial dos municípios membros da AMOSC, a pesquisa embasou-se em dados de diversas Instituições. Destaca-se o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em diferentes temporalidades – 1970 a 2005; do Sistema Nacional de Indicadores Urbanos – SNIU – 1970 a 2000; da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – EPAGRI e do Centro de Informações de Recursos Ambientais e de Hidrometeorologia de Santa Catarina – CIRAM, - isolinhas das curvas de níveis e rodovias; do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, - informações sociais; da Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina – AMOSC e dos próprios municípios.

Na manipulação das informações definiram-se as variáveis que estruturaram a pesquisa no âmbito regional: dinâmica demográfica a partir da população total por municípios de 1970 a 2005 e as taxas de urbanização. A base de dados foi manipulada em ambiente de Sistema de Informações Geográficas, onde foram produzidos mapas temáticos com escala de impressão de 1:250.000. Quanto à análise, igualmente utilizou-se o suporte das tabelas agregadas ao SIG, para a produção e relacionamento de informações no âmbito da AMOSC.

As células mínimas de produção das informações foram os municípios, onde constituem-se a dinâmica da população dos vinte atuais municípios da AMOSC. As análises foram produzidas tendo como base a hipótese da *seletividade espacial* nos municípios que compõem a AMOSC: i) centralidade consolidada; ii) pólo regional em formação; iii) micro-centralidade; iv) espaços satelitais.

4 Apresentação e análise de resultados

4.1 Dinâmica demográfica regional

Os processos de urbanização nos municípios da AMOSC foram influenciados a partir de “identidades econômicas” em suas especialidades. Em distintas temporalidades, possuíram atividades individuais e complementares, sendo que o maior desenvolvimento delas propiciou a ampliação das bases demográficas pela possibilidade de inserção a estes ramos econômicos como a cadeia agroindustrial. Esta caracterização possibilitou uma mobilidade populacional peculiar intra-regional, no entanto, inserida em um contexto periférico no âmbito estadual e nacional.

Considera-se relevante, especificamente quanto às influências na dinâmica demográfica municipal e regional, no período de 1970 a 2005, as seguintes características: crescimento vegetativo, mobilidade populacional local e regional e divisão – fragmentação - de novas unidades administrativas municipais, onde deve-se considerar que os distritos obtiveram a condição de “autonomia administrativa” e tornaram-se municípios. Nesse caso, determinados “aglomerados rurais” tornaram-se sedes distritais e passaram a serem considerados como áreas urbanas pelos critérios atuais do IBGE². Finalmente, destaca-se a

2 Nesta análise, utilizaram-se os critérios do IBGE para definição do fenômeno urbano no Brasil, no entanto, ressalta-se as visões de autores como José Eli da Veiga, José Graziano da Silva que indicam deficiências sobre os critérios oficiais em relação aos fenômenos rurais e urbanos no território nacional. Estes incorporaram novos

ampliação de perímetros urbanos sobre espaços rurais, que minimizaram a importância da população absoluta nesta ambiência.

No ano de 1970 (IBGE, 1970), a AMOSC era formada por apenas sete dos atuais municípios e possuía uma população total de 118.310 habitantes, sendo que 42,5% estavam localizadas no município de Chapecó. A segunda posição em relação ao tamanho populacional absoluta era ocupada por Coronel Freitas, que possuía 16.185 habitantes (13,68%). Os demais municípios possuíam percentuais menores no total populacional desta Associação de municípios. Além da centralidade de Chapecó, localizada em área de influência da BR 282, destacam-se os municípios localizados no nordeste da AMOSC, em área de influência direta da SC 479 – sentido norte sul – que possuía tipologia similar em relação à população absoluta. A terceira tipologia localizava-se no eixo oeste da Associação e possuía uma população com menor expressividade (Mapa 02).

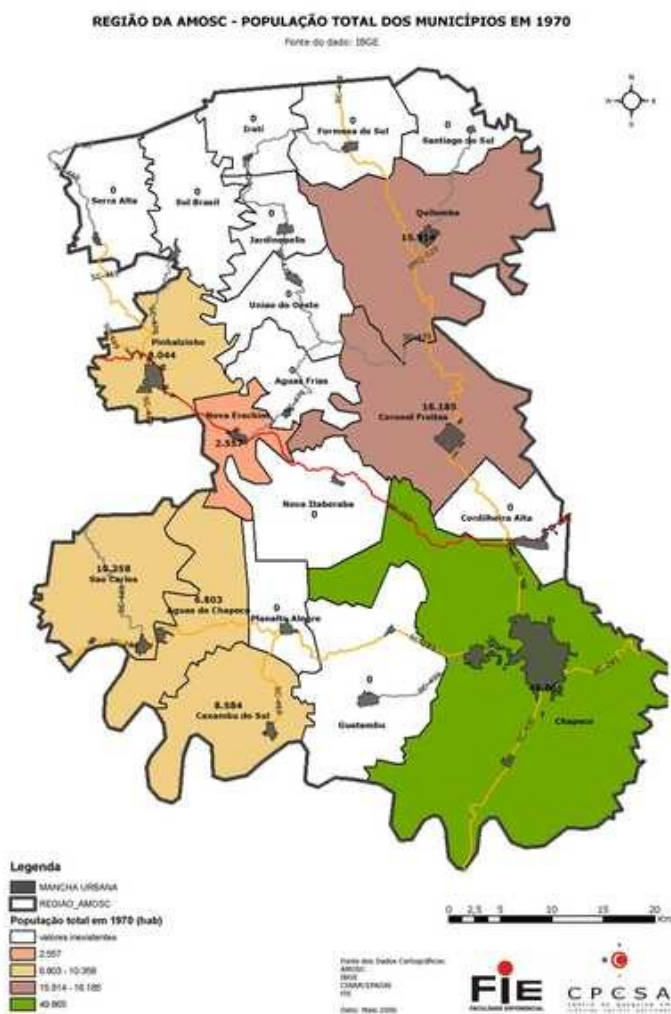


Figura 2 : Região da AMOSC – população total dos municípios em 1970

No ano de 1980, a partir dos mesmos municípios, aumentou a participação total da população de Chapecó, para 83.768 habitantes (50,82%). Neste intervalo de uma década, a população total de Chapecó aumentou 59,52%. Este foi um período de expressivo crescimento urbano que sedimentou a “centralidade” deste município no contexto do Oeste Catarinense especialmente pela dinâmica dos setores agroindustriais – consórcio entre agricultura e pecuária, indústria alimentícia e metal-mecânica.

Na segunda classe de centralidade, para o ano de 1980, destaca-se o município de Quilombo, com uma

conceitos em espaços relacionados ao *continuum* entre rural-urbano. Em 1992, o IBGE, incluiu novas situações para a localização de domicílios entre os quais as áreas urbanas não urbanizadas.

população total de 21.458 habitantes, ou seja, 13,02% do total da AMOSC para aquele ano. Nesse período, o município de Coronel Freitas apresentou comportamento similar ao anterior, quanto à representatividade populacional, e ambos formaram um bloco em área de influência ao longo da SC 479. No oeste da Associação, na terceira tipologia, houve ligeiro acréscimo populacional total, exceto pelo município de Águas de Chapecó, que apresentou retração. Quanto ao crescimento populacional total da AMOSC, no período de 1970 a 1980, foi de 45.518 habitantes, que representou mais 28,22% no total populacional conforme o Mapa 03.



Figura 3 : Região da AMOSC – população total dos municípios em 1980

Na década seguinte (1991), o município de Chapecó ampliou as bases populacionais, aumentando sua participação no total da AMOSC para 59,62% da população total (123.050 habitantes). No intervalo de dez anos a população de Chapecó aumentou 39.283 habitantes, ou seja, 31,92%. Embora tenha havido a incorporação de um novo município à AMOSC – Serra Alta –, com 1,87% da população absoluta total – teve desmembramento do município de Modelo, em 1989, que pertence a outra Associação de municípios – houve expressiva *desvitalização* populacional nos municípios como Quilombo e Coronel Freitas – centralidades menores – localizados no nordeste da AMOSC e na área de influência da SC 479.

Parte desta perda de importância, no total populacional regional das centralidades inferiores de Quilombo e Coronel Freitas, deu-se em função da ampliação da base populacional de Chapecó e por processo de perda de território, respectivamente. Neste contexto, o município de Quilombo teve uma dinâmica percentual negativa de 3,64%, que representou um decréscimo populacional de 2.096 habitantes em relação à série estatística anterior (1980). O segundo município perdeu território para União do Oeste, em 1989, fato que contribuiu para minimização de seu percentual populacional na AMOSC para apenas 5,96%. Agrega-se a esta tipologia o município de São Carlos, que aumentou seu percentual populacional

para 12.230 habitantes.

Uma terceira tipologia, localizada no eixo vertical norte-sul, concentrava os municípios com menos expressão em relação à sua população absoluta e que variava de 6 a 11 mil habitantes (Mapa 04). Quanto ao total populacional da AMOSC, houve um crescimento no período de 41.557 mil habitantes, ou seja, 20,13%.

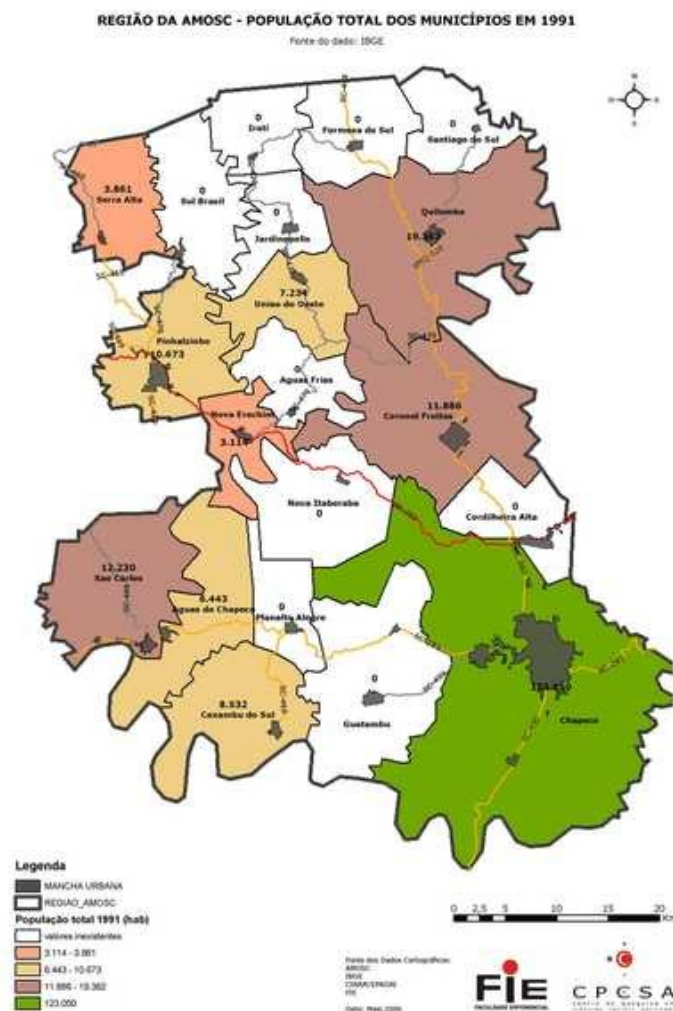


Figura 4 : Região da AMOSC – população total dos municípios em 1991

Na série histórica de 2000 (IBGE), obtiveram-se informações pertinentes a vinte municípios, uma vez que foi um período de expressiva fragmentação de territórios a partir da criação de dez novos municípios e desmembramento da Associação em mais duas. Apenas a partir desta série histórica do IBGE (2000), houve uma estabilidade nos limites territoriais da AMOSC, tanto dos desmembramentos de novos municípios quanto à formação de novas Associações. Neste enfoque, o município de Chapecó apresentou a tendência de concentração populacional regional (61,23%), referente aos 146.967 habitantes. Os demais municípios apresentam percentuais populacionais inferiores a 5,15% do total da AMOSC, que era de 240.028 habitantes.

Em relação ao aumento populacional geral, houve um acréscimo de 33.643 habitantes entre os municípios, uma vez que nas emancipações não houve a incorporação de espaços territoriais externos à AMOSC. Evidencia-se nesta base de dados que 65% dos municípios (13 municípios com 39.335, que representam 26,75% da população da maior centralidade - Chapecó) possuem percentuais individuais inferiores a 2% do total populacional. Entre estes, três possuem percentuais menores que 1% - o que demonstra que os processos emancipatórios ocorreram a partir de bases demográficas mínimas e estáveis com perspectivas de retração e/ou desvitalização. Estas foram agravadas pelo baixo crescimento vegetativo e pela

mobilidade populacional regional, fato que pode comprometer a continuidade dos mesmos, demonstradas pelas características demográficas dos municípios geradores em períodos anteriores.

Conforme dados censitários do IBGE (2000), houve a formação de *agrupamentos* a partir da maior similaridade entre os municípios, sendo possível classificá-los em: centralidade de Chapecó; eixo Pinhalzinho – São Carlos, no oeste; micro-centralidade entre Quilombo e Coronel Freitas, no nordeste; agrupamento do centro-sul, com variação populacional de 4 a 6 mil habitantes.; agrupamento do noroeste com perfil populacional absoluto entre 3 a 3,5 mil habitantes. Finalmente, destacam-se os municípios com menor expressão populacional, localizados ao norte e na região central da AMOSC – Águas Frias e Planalto Alegre conforme evidencia o Mapa 05.

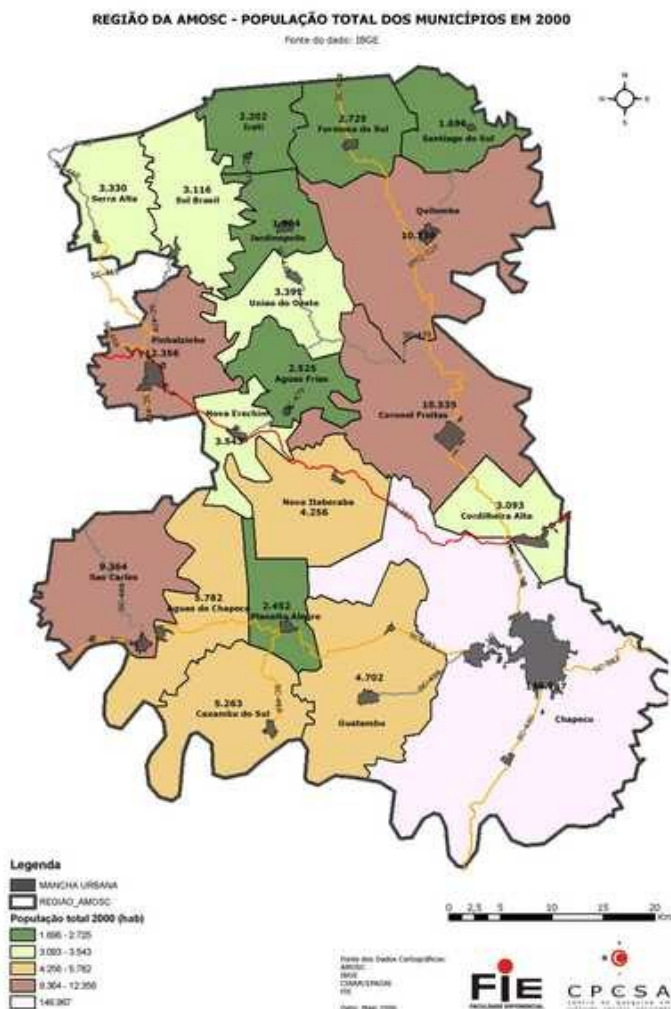


Figura 5 : Região da AMOSC – população total dos municípios em 2000

Na estimativa populacional do IBGE (2005), evidencia-se a tendência histórica da concentração populacional em Chapecó, que registrou 169.256 habitantes - 65,14% sobre o total da AMOSC. Com o manutenção dos índices anteriores de 5,16%, destaca-se o município de Pinhalzinho, seguido por Coronel Freitas, com 4,08% da população total. Quanto aos percentuais individuais dos municípios com menos de 2% da população total, houve um acréscimo para 70% do total de municípios. Relevante destacar o acréscimo de municípios com percentuais menores que 1% (6), que representam 30% do total. Estes possuem uma população total de 12.264 habitantes, ou seja, 7,36% do total da AMOSC. Em relação a desvitalização populacional, destaca-se o município de Sul Brasil, que teve uma minimização de 15,21% da população total. Em 2005, o total populacional dos municípios integrantes da AMOSC era de 259.817 habitantes, e representa um acréscimo de 8,24% sobre o total do último censo demográfico de 2000.

As taxas de crescimento populacional total de Chapecó, desde 1970 até 2005, são positivas, mas

apresentam contínuo decréscimo, uma vez que apresentou crescimentos extremos de 5,32% na década de 70 e de 2,86 na estimativa de 2000 a 2005. O período imediatamente anterior apresenta diminuição dos índices, - 1,62 – pois o município perdeu parte do território para Cordilheira Alta. Na evolução histórica do mesmo período, Coronel Freitas apresentou atipicidade no crescimento de 1970 a 1980, com taxa positiva de 1,70 e, nos últimos anos – 2000 a 2005 –, apresentou ínfimo acréscimo populacional total de 0,14%, evidenciando uma estabilização populacional no município com tendência a retração ou falta de vitalidade de reprodução populacional.

O município de Quilombo, que na década de 70 apresentou crescimento populacional de 3,03%, registrou decréscimo nas décadas posteriores em função da fragmentação de sua área territorial. A partir de 2000, evidenciou-se acréscimo populacional de 1,28%. O município de Pinhalzinho, que na década de 70 possuía percentuais de crescimento populacional de 2,14%, nas décadas seqüentes evidenciou rápido decréscimo em sua dinâmica populacional. Entre 2000 a 2005, apresentou acréscimo de 1,65% no total geral de sua população.

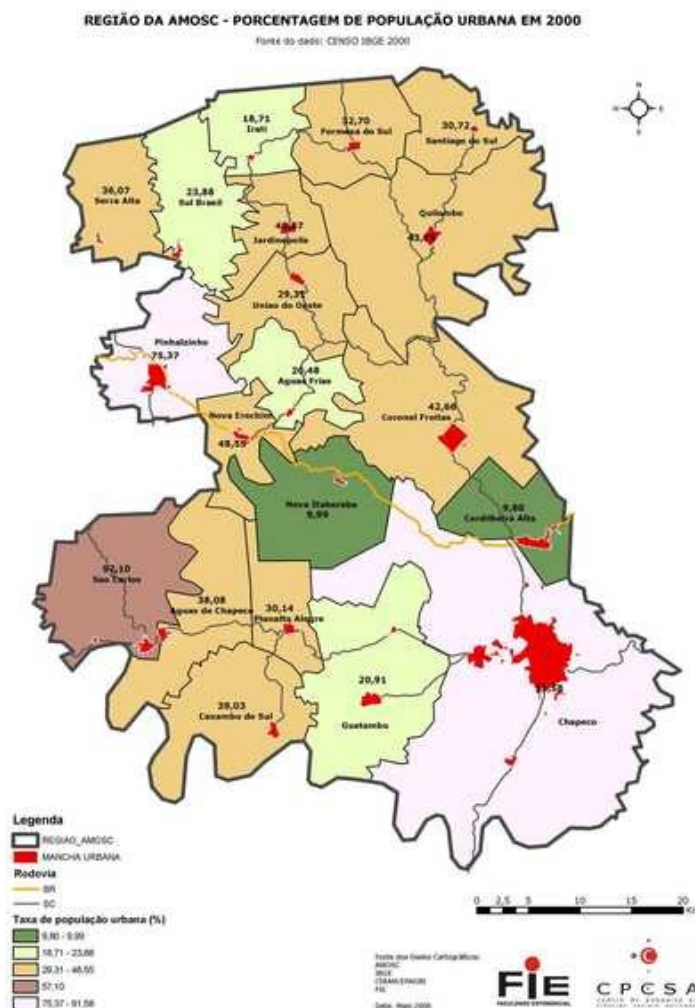


Figura 6 : Região da AMOSC – porcentagem de população urbana em 2000

Na análise geral da dinâmica demográfica da AMOSC, desde 1970, salientam-se os diferentes comportamentos populacionais determinadas pelas especificidades locais: os municípios com crescimento positivo – concentrado e com tendência a estabilização – representam 40% do total. Os demais apresentaram percentuais pontuais – 2000 a 2005 – que são negativos, o que evidencia expressiva desvitalização populacional local. Nesta tipologia, destacam-se os municípios de Águas Frias, com -3,5%, Sul Brasil, com -3,24% e Serra Alta, com -2,08%.

Quanto às taxas de crescimento populacional por município na AMOSC, do total das últimas

emancipações – todos localizados na base periférica - formaram 60% das unidades administrativas (12) e apresentaram a seguinte tipologia: decréscimo populacional para 75% destes municípios desde sua formação inicial; os demais 25% evidenciaram crescimentos positivos, no entanto, ínfimos – menores que 1% o que evidencia a estabilidade populacional e perspectiva de retração em função de fatores conjunturais locais e regionais.

No que diz respeito às taxas de urbanização provocadas pela dinâmica populacional local, acrescidas das mobilidades regionais, destacam-se as seguintes tipologias no ano de 2000, baseado no IBGE (2000): os municípios de Chapecó e Pinhalzinho possuíam percentuais de população urbana de 75% a 92%, ambos em área de influência do eixo da BR 282. Outro município com percentual de urbanização superior a 50% é o de São Carlos, localizado no oeste da AMOSC. Quanto às taxas urbanas entre 30 e 50%, destacam-se dois blocos: na região nordeste, com seis municípios em área de influência da SC 479, com destaque para Quilombo e Coronel Freitas e à sudoeste, onde destacam-se outros três municípios (Mapa 06).

Finalmente, as taxas de urbanização de 15 a 25% estão centradas em ambiente de influência da rodovia SC 479, à noroeste da AMOSC, e no centro sul, onde localizam-se cinco municípios. Quanto as menores taxas de urbanização da AMOSC, que variam em torno de 10%, estão localizados no eixo da BR 282 e representados por Cordilheira Alta e Nova Itaberaba. Desta forma, percebe-se uma ínfima relação entre população total absoluta e taxas de urbanização favoráveis a determinados municípios como Chapecó, Pinhalzinho e São Carlos, sendo que todos os demais apresentam taxas de urbanização menores do que 50%.

5 Considerações

Verificou-se que a dinâmica populacional da AMOSC está caracterizada a partir da centralidade e/ou concentração da cidade de Chapecó e em expressivo processo de desvitalização em municípios satelitais. A centralidade em formação – cidade de Pinhalzinho – apresenta certa dinamicidade em relação ao crescimento populacional regional, no entanto, com perspectivas de estabilização.

Constatou-se que a formação dos novos municípios, até o princípio da década de 90, estruturou-se sobre bases populacionais mínimas e estáveis. Existe o aumento da representatividade percentual de municípios com esta característica na AMOSC no qual a população apresenta-se em processo de desvitalização, acompanhando os atuais cenários de Águas Frias, Sul Brasil e Serra Alta.

Evidenciou-se que fatores conjunturais significativos têm influenciado a dinâmica populacional da AMOSC, em especial o contexto econômico local e regional, alicerçado na produção primária agrofamiliar, e pela dinâmica urbana dos municípios satelitais, onde ocorre, entre outras mazelas, a minimização das taxas de natalidade, problemas de infra-estrutura e educação, evasão populacional para centros mais dinâmicos – na própria região da AMOSC - e para outras regiões.

6 Referências bibliográficas

AMOSC.: Associação dos municípios do Oeste de Santa Catarina: aspectos institucionais. Chapecó, 2006. Disponível em www.amosc.org.br. Acessado em 19 de abril de 2006.

BECKER, D. F. & WITTMANN, M. L.: Desenvolvimento regional: abordagens interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, 395p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.: Estatísticas cadastrais. Brasília, 2006. Disponível em: www.ibge.gov.br/. Acesso em: fevereiro e março de 2006.

ICEPA.: Síntese anual da agricultura de Santa Catarina, 2002-2003. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2003. Disponível em: www.icepa.com.br/. Acesso em: 15 fevereiro 2006.

GOMES, Paulo C. da Costa.: “O conceito de região e sua discussão” In: Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MIOR, LUIZ Carlos.: Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural. Chapecó/SC: Argos, 2005.

REIS, José.: Uma epistemologia do território. Faculdade de Economia da Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2002.

SANTOS, M.: Por uma geografia nova: da crítica a geografia a uma geografia nova. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, Milton.: A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2003.

SANTOS, Milton.: Economia espacial: críticas e alternativas. 2ª ed. São Paulo. EDUSP, 2003.

SANTOS, Milton.: Pensando o espaço do homem. 5ª ed. São Paulo. EDUSP, 2004.

SANTOS, M. & SILVEIRA, M. L.: O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVESTRO, Milton. L. et. al.: Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar. EPAGRI/NEAD. Santa Catarina. Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2001. 122p.

SIMÕES, R. F.: Métodos de análise regional e urbana: diagnóstico aplicado ao planejamento. Belo Horizonte. UFMS/CEDEPLAR, 2005.

SNIU – Sistema Nacional de Indicadores Urbanos.: Estatísticas cadastrais da AMOSC. Brasília, 2006. Disponível em www.cidades.gov.br. Acessado em março e abril de 2006.

TESTA, Vilson M. et. al.: O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense: proposta para discussão. Florianópolis: EPAGRI, 1996.